

## **Editorial Cidades Midiáticas**

### *Comissão Editorial*

Cada vez mais, as cidades estão saturadas. Saturadas não somente de pessoas, máquinas e edificações, mas também de estatísticas, diagramas e mapas que quantificam dados econômicos, políticos e sociais. As metrópoles contemporâneas também estão repletas de repertórios simbólicos. As imagens e narrativas destes repertórios urbanos são engendradas pelos meios de comunicação, pela imaginação artística, pelo devir histórico e pela vivência cotidiana dos seus habitantes. Soma-se a isso, a existência das redes cibernéticas que fornecem conexões virtuais que independem dos limites espaciais geográficos. Os próprios espaços da interação metropolitana tornam-se visíveis não somente por meio dos seus suportes arquitetônicos e paisagísticos ou pela pulsação da vida citadina, mas também através dos signos simbólicos difundidos.

Na modernidade tardia do capitalismo global, as cidades disputam entre si por recursos econômicos, poder político e relevância cultural. A busca pela supremacia econômica, política, social e cultural no mapa mundial não é um fenômeno recente. No século XIX, as cidades eram metáforas da modernidade porque condensavam as inovações técnicas e artísticas, bem como novas modalidades de socialização. Entretanto, essa “comoção da vida moderna” tal como expressa por Baudelaire era privilégio, sobretudo, dos grandes centros metropolitanos europeus. Na conhecida formulação de Walter Benjamin, Paris fora consagrada como a “capital do século XIX”.

Ao longo do século XX, Nova York despontou como ícone de cidade global. Nos inícios do século XXI, já não temos uma única cidade que simbolize as múltiplas experiências da modernidade tardia. Neste processo de competitividade urbana a dimensão cultural e simbólica, ou seja, como as cidades inventam seus repertórios enquanto cenários de modernidades desejadas e disputadas ganha destaque e relevância política.

Na acirrada competição por recursos econômicos, agendas políticas e invenções culturais, as metrópoles atuais buscam estratégias de visibilidade para assegurarem sua presença nos circuitos globais. Os receituários para tornar-se uma cidade competitiva são variados, mas muitas estratégias são pautadas pela espetacularização da cidade por meio de mega eventos, pela museificação de centros históricos e pela crescente privatização de espaços públicos. Todas essas estratégias de promoção urbana exigem alguma forma de *branding* e apostam fortemente na visibilidade midiática. Entretanto, as respostas críticas aos receituários globais de competitividade capitalista despontam mediante o questionamento crescente sobre os desmandos do capitalismo financeiro. Em várias cidades do mundo, os protestos dos “indignados” têm reanimado as metrópoles contemporâneas como cenários conflitantes de agendas culturais, sociais e políticas. Nestes disputados cenários urbanos, os meios de comunicação tornam-se os instrumentos sinalizadores que fabricam as imagens e narrativas de cidades legíveis, enigmáticas, caóticas, estimulantes, opressivas, sonhadas e estranhadas.

Tal como destaca Scott McQuire no seu livro *Media City* (2008), as novas tecnologias midiáticas permeiam o urbano gerando um ambiente que é simultaneamente relacional e estranhado. Não somente a própria tecnologia altera a construção dos espaços arquitetônicos como também a vivência do urbano é filtrada pelos imaginários múltiplos fabricados nas interseções entre mídias e repertórios culturais previamente sedimentados.

Neste número da Revista Eco-Pós, enfocamos o tema das “cidades midiáticas” enfatizando como os imaginários midiáticos e as novas tecnologias comunicacionais retratam as experiências das metrópoles e também modificam as próprias concepções temporais e espaciais da vivência urbana.

Entre as temáticas discutidas despontam: as poéticas da representação urbana no cinema; as novas redes midiáticas traçadas por novos nômades citadinos; as cartografias movediças da América Latina redefinidas por redes midiáticas; política e autoria na representação da favela como novo espaço domesticado; os ideários distópicos da cidade e suas representações midiáticas; as conexões entre o real e o virtual na fabricação de imaginários urbanos; as disputas sobre a cultura urbana enquanto interseção de um ethos regional e imaginários globais. Em suas contradições, confluências e imaginários, as cidades midiáticas são as múltiplas expressões de nossas vivências urbanas desencantadas e re-encantadas.